



INRC DO CAVALO-MARINHO

Inventário Nacional de Referências Culturais

Volume 1
Relatório Analítico

Sumário dos Volumes

Volume 1

Relatório Analítico

Volume 2

Dossiê

Volume 3

Ficha de Sítio (F10)

Bibliografia (Anexo 1)

Registros Audiovisuais (Anexo 2)

Fichas de Identificação (F60)

Volume 4

Extremo Norte e Limítrofes

Ficha de Localidade (F11), Bens Culturais Inventariados (Anexo 3),

Contatos (Anexo 4), Fichas de Identificação (F60)

Volume 5

Norte-Centro e Paulista

Ficha de Localidade (F11), Bens Culturais Inventariados (Anexo 3),

Contatos (Anexo 4), Fichas de Identificação (F60)

Volume 6

Sul-Oeste

Ficha de Localidade (F11), Bens Culturais Inventariados (Anexo 3),

Contatos (Anexo 4), Fichas de Identificação (F60)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	3
1 ORGANIZAÇÃO DA EQUIPE E LOGÍSTICA DE TRABALHO.....	5
1.1 Associação Respeita Januário (ARJ) e equipe de trabalho	5
1.2 Logística de trabalho (Levantamento preliminar, Identificação, Dossiê e Vídeo) - Considerações gerais.....	6
1.2.1 Levantamento Preliminar	8
1.2.2 Sítio e localidades.....	12
1.2.3 Sobre os Anexos 1, 2, 3 e 4	14
2 IDENTIFICAÇÃO	16
3 DOSSIÊ, VÍDEO E RELATÓRIO ANALÍTICO	18
ANEXO A - DIVISÃO DE LOCALIDADES POR GRUPOS E RESPONSÁVEIS.	20
ANEXO B - EXEMPLO (OFÍCIOS E MODOS DE FAZER) DO MAPA-CALENDÁRIO DO ANEXO 3 – LEVANTAMENTO PRELIMINAR.....	21
ANEXO C - EXEMPLO (OFÍCIOS E MODOS DE FAZER) DO MAPA-CALENDÁRIO IDENTIFICAÇÃO.....	22

INTRODUÇÃO

A identificação do Cavalo-Marinho teve como base o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) aplicado pela Associação Respeita Januário (ARJ), com sede em Recife (PE), e abrangeu o estado de Pernambuco e cidades limítrofes da Paraíba, em específico, os municípios de Pedra de Fogo (PB), Itambé (PE), Camutanga (PE), Ferreiros (PE), São Vicente Ferrier (PE), Condado (PE), Goiana (PE), Aliança (PE), Paulista (PE), Araçoiaba (PE), Lagoa de Itaenga (PE), Passira (PE), Feira Nova (PE) e Glória do Goitá (PE).

O trabalho foi facilitado pela equipe, que já possuía em seu histórico profissional pesquisas com a manifestação do Cavalo-Marinho e uma experiência de vida junto com os atores sociais envolvidos com o bem. A presença de Fábio Soares, brincador, figureiro e pertencente à família do Mestre Biu Alexandre, do Cavalo-Marinho Estrela de Ouro (PE), trouxe contribuições de vivências dentro do universo do Cavalo-Marinho de grande importância para o trabalho de identificação e elaboração das diretrizes para o Plano de Salvaguarda. A participação de Fábio Soares também foi decisiva para a articulação com os grupos de Cavalo-Marinho, seus Mestres e brincadores, principalmente, para a realização do Encontro de Mestres (encontro histórico com todos os Mestres), que ocorreu dia 4 de junho de 2012 na cidade de Condado (PE), organizado pela equipe do INRC do Cavalo-Marinho e pela Fundação de Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe).

Em linhas gerais, a proposta metodológica de trabalho consistiu primeiramente em definir o bem cultural como Forma de Expressão. O Cavalo-Marinho, tratando-se de um bem que mescla dramaturgia, dança e música, possui formas não linguísticas de comunicação associadas a determinado grupo social ou região, desenvolvidas por atores sociais (individuais ou grupos) reconhecidos pela comunidade e em relação às quais o costume define normas, expectativas, padrões de qualidade e outros¹. O foco, portanto, do inventário foi o modo como as linguagens associadas ao universo do Cavalo-Marinho foram postas em prática por determinados sujeitos sociais. Estas conclusões foram sendo delineadas com pesquisas prévias e por meio de um levantamento preliminar. Nesta fase realizamos um levantamento dos Cavalos-Marinhos em atividade e/ou memória, dos

¹ Definição do Manual de Aplicação INRC 2000 – Inventário Nacional de Referências Culturais. Departamento de Identificação e Documentação. IPHAN/MINC.

contatos dos atores sociais, além do levantamento dos bens culturais presentes na Forma de Expressão. Também neste momento iniciamos os primeiros recortes de sítio e localidades para a Identificação.

Num segundo momento iniciamos a Identificação do Bem, estabelecendo campos espaciais de pesquisa e aprofundando as categorias preestabelecidas. Realizamos parte das entrevistas com os atores sociais, observamos a apresentação das brincadeiras e registramos as informações nas fichas de celebrações, edificações, lugares, ofícios e modos de fazer e formas de expressão. Ao término destas atividades foram elaborados o Dossiê, algumas diretrizes para a salvaguarda e este Relatório Analítico. A redação do Dossiê e do Relatório Analítico foi feita pela coordenadora de pesquisa Beatriz Brusantin. No Dossiê, especificamente, o subtópico dedicado à música e os anexos das partituras musicais foram elaborados pelo etnomusicólogo Carlos Sandroni. Quanto ao plano de diretrizes para salvaguarda, as informações para a sua composição foram reunidas durante todo o processo de aplicação deste INRC através dos trabalhos de campos e contatos com os atores sociais. O Encontro de Mestres realizado em junho de 2012 na cidade de Condado (PE) também contou como um importante momento coletivo, com a presença de representantes do Iphan e da Fundarpe.

Por fim, quanto ao registro audiovisual e fotográfico realizado durante todo o INRC, buscamos respeitar a lógica do calendário tradicional dos Cavalos-Marinhos e conforme disponibilidade e abertura dos atores sociais envolvidos. O registro foi realizado pelo antropólogo Glauco Machado, e os vídeos foram editados e montados por Cláudio Rabeca e Arthur Pontes.

1 ORGANIZAÇÃO DA EQUIPE E LOGÍSTICA DE TRABALHO

1.1 ASSOCIAÇÃO RESPEITA JANUÁRIO (ARJ) E EQUIPE DE TRABALHO

Tanto a Associação Respeita Januário (ARJ), responsável pela aplicação deste INRC, como a equipe formada por profissionais das áreas de Antropologia, História, Etnomusicologia, Sociologia e Artes, em conjunto com profissionais técnicos do audiovisual, reuniram as competências necessárias à realização de todas as atividades envolvidas na feitura deste inventário. São profissionais que possuem competência para a produção e sistematização de registros textuais e audiovisuais sensíveis à complexidade dos aspectos dinâmicos que envolvem os bens culturais do Cavalo- Marinho; identificação dos processos de formação, produção, reprodução e transmissão de aspectos históricos e memoriais relevantes do Cavalo-Marinho, tais como saberes, práticas, rituais, ofícios, modos de fazer, formas de expressão, celebrações, edificações e lugares associados à identidade de seus bens culturais.

A Associação Respeita Januário (ARJ) realiza projetos no âmbito cultural desde 2003, incluindo a produção de INRC. Entre os projetos, temos o “Responda a Roda outra Vez” (2003-2004 – Minc/Petrobras), “Musicalização com os mestres do sertão de Pernambuco” (2009 – BNB), “Rabecas e rabequeiros de Condado” (2009 – BNB), “Ação Griô”, com mestres e brincadores de Cavalo-Marinho de Condado [PE] (2009 – Minc), “Ponto de Cultura Viva Pareia: cartografia musical, registro e memória do Cavalo-Marinho”, que desenvolveu atividades semanais de transmissão de saberes com os grupos de Cavalo-Marinho Estrela de Ouro e Estrela Brilhante de Condado, (2008-2010 – Minc); o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) da Capoeira de Pernambuco (2010-2011) e o Inventário Nacional de Referências Culturais

(INRC) – Levantamento Preliminar do Cabo de Santo Agostinho [PE] (2010-2011). Trata-se, desse modo, de uma associação com experiência na área e com membros habilitados para realizar o INRC do Cavalo-Marinho, bem como para reunir uma equipe apta para tal.

A pesquisa foi coordenada pela doutora em História Social Beatriz de Miranda Brusantin, professora da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), e constituída pelo supervisor técnico João Paulo de França, sociólogo, os pesquisadores Helena

Tenderini, mestra em Antropologia, pesquisadora e antropóloga do Instituto Papiro - Pesquisa Antropológica e Social; Rosely Tavares, mestranda em História Cultural, professora da rede particular de ensino; Lineu Guaraldo, mestre em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); Maria Cristina Barbosa, educadora musical e etnomusicóloga formada na Universidade Federal de Pernambuco (Ufpe); e os assistentes de pesquisa Paulo Henrique L. Alcântara, licenciado em Música pela Universidade Federal de Pernambuco (Ufpe) e mestrando em Etnomusicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Sanae Som, pesquisadora e produtora cultural; e Fábio Soares, neto do Mestre Biu Alexandre, bailarino e componente do Cavalo-Marinho Estrela de Ouro e do Maracatu de Baque Solto Leão de Ouro de Condado (PE); e, por fim, na função de produtor, Cláudio Rabeca, rabequista do Cavalo-Marinho Estrela de Ouro de Condado (PE).

Vale destacar que alguns integrantes da equipe atuam e são autores de publicações sobre o bem cultural do Cavalo-Marinho e seus atores sociais. Vale destacar, entre outros, a tese de Doutorado em História de Beatriz Brusantin (coordenadora) “Capitães e Mateus: relações sociais, culturas festivas e de luta dos trabalhadores dos engenhos da Zona da Mata Norte de Pernambuco” (2011); a dissertação em Antropologia de Helena Tenderine (pesquisadora) “Na pisada do Galope: Cavalo-Marinho na fronteira traçada entre brincadeira e realidade” (2003); e a dissertação em Artes de Lineu Guaraldo (pesquisador) “Na mata tem esperança: encontros com o corpo sambador no Cavalo-Marinho” (2010). No mais, os profissionais envolvidos na proposta da Associação Respeita Januário possuem experiência com pesquisas etnográficas junto à comunidade do Cavalo-Marinho, realização de vídeos etnográficos e sobre cultura popular e com a produção de Inventários Nacionais de Referência Cultural junto ao Iphan.

Consideramos que a equipe, com sua qualificação junto do bem cultural em questão, foi imprescindível para que conseguíssemos alcançar um bom resultado na aplicação deste INRC, que contou com pouco tempo para sua realização.

1.2 LOGÍSTICA DE TRABALHO (LEVANTAMENTO PRELIMINAR, IDENTIFICAÇÃO, DOSSIÊ E VÍDEO) - CONSIDERAÇÕES GERAIS

No INRC do Cavalo-Marinho realizamos reuniões semanais com a equipe para afinarmos os conteúdos, as ações e as estratégias de trabalho. Contamos com quatro

pesquisadores e três assistentes para um campo com cerca de doze Cavalos-Marinhos em cerca de doze distritos/municípios, sem contar outros municípios que incluem as memórias de grupos e Mestres.

Para o Levantamento Preliminar dividimos o preenchimento dos Anexos por áreas (localidades) e por grupos. Também fizemos uma divisão dos bens culturais que cada um iria preencher. Trabalhamos, portanto, em cima de metas previamente estabelecidas e divididas coletivamente em um mapa-calendário². Procuramos atender a especialidade de cada profissional para as divisões das funções.

Na fase de Identificação, realizamos um recorte das categorias de bens culturais (celebrações, formas de expressão, lugares, edificações, ofícios e modos de fazer) levantadas na fase preliminar e, assim, com um universo mais reduzido, aprofundamos de forma pormenorizada o preenchimento das respectivas Fichas.

Continuamos com a mesma logística de divisão e iniciamos uma dinâmica de trabalho de campo mais intensa. Estabelecemos uma dinâmica em duplas (pesquisador/assistente) e, em certas ocasiões, o fotógrafo e o coordenador/supervisor também estiveram presentes em campo. Devido aos recursos financeiros limitados, fizemos uma amostragem dos registros fotográficos e audiovisuais.

Durante a Identificação, continuamos com as reuniões semanais, nas quais íamos refletindo questões pertinentes para a salvaguarda e para a elaboração do Dossiê. Também proporcionamos momentos de trocas de informações e experiências comuns. Estes encontros suscitaram diversas questões para o aprimoramento da aplicação do Dossiê, bem como para a realização do Encontro com os Mestres de Cavalo-Marinho, realizado em junho de 2012. Mensalmente, os pesquisadores e assistentes produziam relatórios dos trabalhos de campo, expondo problemas e aprofundamentos necessários.

Por fim, o Dossiê foi elaborado pela coordenadora, Beatriz Brusantin e pelo etnomusicólogo Carlos Sandroni, que ficou responsável pela parte da música. Todas as Fichas de Identificação produzidas foram aproveitadas, e as reflexões das reuniões foram levadas em conta para o aprofundamento dos variados temas e também para a estruturação do argumento para o Registro do Bem e para a formulação das diretrizes de salvaguarda.

Os vídeos seguiram a mesma lógica do Dossiê. O argumento principal para o roteiro foi tentar alcançar o máximo da complexidade e riqueza do brinquedo, enquanto dança, teatro e narrativa, bem como, mostrar suas raízes, sua dinâmica, sua continuidade e suas

² Ver Anexo B.

transformações. Valorizamos as falas dos atores sociais, trouxemos suas reivindicações e seus saberes. Mesclamos imagens de várias épocas de ocorrência do Cavalo-Marinho, dando exemplo da sua historicidade.

1.2.1 Levantamento Preliminar

No Levantamento Preliminar iniciamos nosso Mapeamento de Contatos, dos Grupos de Cavalos-Marinhos, seus bens culturais e das fontes bibliográficas e documentais. Com uma equipe de trabalho que já possuía experiência e contato com os atores sociais, esta etapa foi rápida e simplificada. A maior dificuldade, no entanto, foi levantar as categorias dos bens culturais (dança, música, instrumentos, artefatos etc.) de forma minuciosa, porém, não tão extensiva. Apostávamos no detalhamento do bem cultural, éramos “cobrados” por isso pelo assistente de pesquisa Fábio Soares, integrante do Cavalo-Marinho Estrela de Ouro de Condado (PE), porém, tínhamos que equilibrar quantidade de Anexos (3, Bens Culturais) com o tempo (2 meses) disponível que tínhamos para realizar todo o processo. Quanto ao Levantamento Bibliográfico, este se desenvolveu sem muitos problemas, uma vez que já possuíamos parte do levantamento devido às pesquisas de cada pesquisador. Incluímos obras presentes em vários arquivos do Brasil. Quanto à parte dos documentos (escritos, fotográficos e audiovisuais), foi muito difícil encontrar algum material nos arquivos de acesso público. A maioria dos acervos se encontra nas mãos de particulares (pesquisadores) e por isso ficou impossível acessá-los em tempo, uma vez que dependíamos da disponibilidade das pessoas proprietárias dos acervos para nos disponibilizar os registros que, na maior parte das vezes, estavam desorganizados. Por fim, na fase final do Levantamento Preliminar, definimos os sítios e as localidades a serem identificadas na etapa posterior.

a) Desafios e perspectivas

Logo no Levantamento Preliminar destacamos alguns desafios principais. Quatro pontos suscitaram discussões na equipe e exigiram um esforço para tentar amenizar as contradições inerentes ao processo:

b) A relação Prazos/Etapas do INRC e “o tempo” das brincadeiras.

Devido ao momento ano/calendário em que este INRC iniciou seu Levantamento Preliminar (mês de dezembro), ocorreu um choque entre o tempo da pesquisa com

o tempo anual das realizações (celebrações) das brincadeiras de Cavalo-Marinho. Nos meses de dezembro e janeiro ocorre o ciclo natalino, incluindo nele diversas apresentações dos Cavalos-Marinhos, entre eles, o Encontro de Cavalos-Marinhos. Seguindo o roteiro de aplicação do INRC, os registros e as observações das brincadeiras ocorreriam apenas na etapa de Identificação (que, conforme o calendário da equipe, se iniciaria a partir do mês de fevereiro) e não na etapa do Levantamento Preliminar. Contudo, a equipe tinha consciência que, a partir do final de janeiro e durante o mês de fevereiro, a brincadeira do Cavalo-Marinho não ocorre. O motivo principal é a dedicação destes brincadores ao Carnaval, especificamente ao Maracatu de Baque Solto ou Rural. Vale ressaltar que este “recesso” tradicional da realização do Cavalo-Marinho tem também relação intrínseca com a expressão cultural a qual, em seu enredo, destaca a louvação ao Santo Rei do Oriente e, portanto, costumeiramente, ocorre durante as festas natalinas até o Dia de Reis e de alguns padroeiros como São Sebastião (normalmente no 3º fim de semana de janeiro). Também no mês de março, como numa “ressaca” do Carnaval, as brincadeiras costumam não ocorrer.

Diante deste desafio, a solução encontrada foi o adiantamento de alguns registros e observações das brincadeiras durante o Levantamento Preliminar. No mesmo momento, também realizamos algumas entrevistas, principalmente com Mestres que se mostraram fisicamente debilitados como, por exemplo, Mestre Antônio Telles, do Cavalo-Marinho Estrela Brilhante de Condado (PE). Vale destacar que é mais interessante realizar entrevistas durante o período das realizações das brincadeiras do Cavalo-Marinho do que durante o Carnaval ou logo após ele. O Maracatu de Baque Solto ou Rural é uma manifestação que envolve integralmente os brincadores dos Cavalos-Marinhos. Aqui a expressão “integralmente” significa não apenas a parte de ocupação em ensaios e feitura das roupas, mas também “espiritualmente” e “mentalmente”. Diante disso, realizar entrevistas neste período (fevereiro e março) certamente seria improdutivo, além de ir de encontro ao universo temporal dos brincadores e Mestres do Cavalo-Marinho. Para contornar esta situação, a proposta foi tentar aproveitar a “energia” do momento calendário e as realizações das festas para registrar, observar e realizar algumas entrevistas.

Diante dessa situação real, apesar de realizarmos o Levantamento Preliminar, na prática a equipe atuou nas diretrizes da fase da Identificação. Isso, obviamente, não trouxe uma dinâmica organizada e fluida para a aplicação do INRC, que possui uma

lógica: primeiro o Levantamento Preliminar e depois a Identificação. Vale pontuar, em propósito de uma crítica construtiva, que, ao iniciar um processo de aplicação de INRC, leve-se em conta o calendário do bem cultural que será inventariado. No caso do Cavalo-Marinho, que tem seu ápice no ciclo natalino, seria ideal que a fase de Identificação tivesse ocorrido neste período. Com a experiência prévia dos pesquisadores com a Forma de Expressão, este descompasso cronológico não acarretou deficiências para o INRC nem o deixou com menos qualidade. Trouxe um desgaste para a equipe toda, bem como um acúmulo de registros fotográficos e audiovisuais desnecessários, uma vez que a equipe não teve tempo de elaborar um plano de ação para tal processo. Contudo, apesar do sinuoso percurso, a equipe produziu um bom resultado.

c) O significado múltiplo do que é Cavalo-Marinho

O significado múltiplo do que é Cavalo-Marinho, logo de início, nos alertou para a complexidade e multiplicidade de significados e “fundamentos” que envolviam o universo do Cavalo-Marinho. A pergunta “O que é um Cavalo-Marinho?” não é nem um pouco banal nem tem uma resposta óbvia. Cada grupo de Cavalo-Marinho ou cada brincador ou Mestre segue uma série de “fundamentos” que considera definidores se um brinquedo é um Cavalo-Marinho ou não. Esta definição varia conforme o grupo, ou brincador, ou Mestre. Inclusive, é comum o brincador do Cavalo-Marinho “X” dizer que os brincadores do Cavalo-Marinho “Y” ou “Z” estão “brincando errado”. Desta forma, já no Levantamento Preliminar percebemos o quanto seria comprometedor a realização de um INRC do Cavalo-Marinho que trabalhasse com amostragens, isto é, incluindo um ou outro brinquedo que seja considerado significativo. O fato é: significativo para quem? Este “problema”, na realidade, enriquece esta expressão cultural e seu universo sociocultural tornando-o múltiplo, heterogêneo e complexo. E foram justamente estes aspectos que, desde o Levantamento Preliminar, valorizamos e identificamos no INRC.

É importante destacar a participação ativa de Fábio Soares, assistente de pesquisa e membro do Cavalo-Marinho Estrela de Ouro de Condado (PE), nas discussões e nas categorizações. Há, todavia, uma ressalva importante. Fábio tem suas convicções e definições bem firmes e segue a “linhagem” específica do Cavalo-Marinho de seu avô, Mestre Biu Alexandre (Cavalo-Marinho Estrela de Ouro), do qual também fazem parte seus tios e primos. Na mesma brincadeira também

participa o Mateus mais antigo da região, Mestre Martelo. Com estas influências, eles seguem certos “fundamentos” específicos dos grupos ou das pessoas envolvidas no grupo (digo isso porque também pode haver divergências dentro do mesmo grupo). Com isso, nossa resolução foi considerar algumas opiniões do assistente, contudo, destacando-as como sendo a visão de uma perspectiva, existindo outras. De todo o modo, a presença de Fábio Soares, assim como a de Cláudio Rabeca, na equipe de trabalho foi fundamental para a aplicação do INRC.

d) Quais bens culturais incluir nas categorias de Identificação e quais pessoas incluir no Anexo dos Contatos – incluir X excluir.

Devido à multiplicidade de significados, de sentidos, de interpretação quanto aos “fundamentos”, quanto às formas de tocar, dançar, dramatizar e, às vezes, a ocorrência de múltiplos sentidos dentro de um mesmo brinquedo, selecionar uma ou outra pessoa para falar sobre um grupo de Cavalo-Marinho torna-se problemático. Uma solução seria ouvir os Mestres, porém, indago: até que ponto o Mestre representa o brinquedo de fato? Na verdade, como se dá este reconhecimento de Mestre? Há casos em que socialmente um brincador é chamado de Mestre, mas, dentro do próprio Cavalo-Marinho, os brincadores afirmam que tal pessoa não é um Mestre. Com esta questão, tínhamos um problema pragmático a resolver: se incluíssemos diversas pessoas de um mesmo grupo para a realização da entrevista, ampliaríamos de forma considerável o volume de anexos e fichas. Diante desta situação, a solução foi identificar os contatos prioritários de cada grupo e realizar as entrevistas conforme o foco da categoria a ser identificada. A legitimação do informante e da informação se daria pelos próprios atores sociais.

e) Em contato com novas linguagens.

Culturalmente, entre os aspectos culturais que verificamos no universo do Cavalo-Marinho, destacamos os nomes, as nomenclaturas, os jeitos de falar e dizer, os modos de fazer poesias e cantar toadas. No entanto, a grande maioria dos trabalhos acadêmicos ou produções culturais acabam “traduzindo” a linguagem típica deste meio sociocultural, descaracterizando sutilmente o brinquedo e seus bens culturais. Para os brincadores e Mestres, assim como para povos de culturas diversas, há significados e sentidos atribuídos a um nome, uma nomenclatura e/ou dizer e a uma

expressão. Muitas vezes, a falta de conhecimento do público em geral acaba transformando um nome por conta das interpretações artísticas com inspiração no brinquedo. O mais usual exemplo é o famoso nome do grupo musical “Mestre Ambrósio”. Com influência no brinquedo do Cavalo-Marinho, este grupo se inspirou na figura do Ambrósio para nomear seu trabalho. Sua influência acabou levando muitos estudiosos e pessoas interessadas a começar a chamar a figura do “Ambrósio” pelo nome de “Mestre Ambrósio”. Brincadores e Mestres contestam, mas nem sempre são ouvidos, até mesmo porque sua força de comunicação é menor do que a do grupo musical. A confusão é feita e nem sempre corrigida, não existe a figura do “Mestre Ambrósio” e sim a figura do “Ambrósio”. Este é apenas um exemplo, existem outros, e ainda existem os casos em que grupos de Cavalos-Marinhos, por motivos diversos, incorporam o que o público está dizendo, transformando, de fora para dentro, as tradições do Cavalo-Marinho. Neste sentido, torna-se essencial registrar estes nomes, nomenclaturas e modos de dizer como usualmente eles utilizam e falam. Assim, ao fazermos as escolhas dos bens culturais para ser identificados, utilizamos os nomes no formato utilizado por seus atores sociais. No mais, no Dossiê dedicamos um tópico sobre alguns processos de mudanças e uma pequena amostragem da linguagem do universo do Cavalo-Marinho.

1.2.2 Sítio e localidades³

Para este INRC, realizamos um recorte geográfico baseado em aspectos históricos e culturais referentes ao bem cultural do Cavalo-Marinho de Pernambuco. O sítio e as localidades se revelaram numa determinação geográfica para além dos limites político-administrativos. As escolhas pautaram-se, sobretudo na lógica de linhagens culturais de referência dos Cavalos-Marinhos e seus atores sociais. Concentramo-nos em um único sítio, o qual denominamos de Zona da Mata Norte e Paulista, e dividimos esta área em três localidades, com os seguintes municípios e distritos:

- **Localidade 1: Extremo Norte e limítrofes** – Camutanga (PE), Ferreiros (PE), São Vicente Ferrier (PE), Itambé (PE) e Pedras de Fogo (PB).

³ Ver Anexo A.

- **Localidade 2: Norte-Centro e Paulista** – Condado (PE), Goiana (PE), Aliança (PE), Chã de Camará (PE), Chã de Esconsio (PE), Cidade Tabajara (PE), Araçoiaba (PE).
- **Localidade 3: Sul-Oeste** – Lagoa de Itaenga (PE), Passira (PE), Feira Nova (PE), Glória de Goitá (PE).

Toda a área que cobre o sítio Zona da Mata Norte e Paulista possui um histórico socioeconômico cultural voltado para a plantação de cana-de-açúcar e a fabricação de seus derivados. A evidência de que a Zona da Mata Norte de Pernambuco e Paulista (é importante ressaltar que, no século XIX, o território até Olinda era considerado como uma extensão desta Zona da Mata) concentrou a maior quantidade de engenhos banguês, e que estes, com uma estrutura mais rústica, eram de propriedade de senhores de engenho não tão ricos, que mesclavam sua mão de obra entre livres e escravos e abriam a possibilidade para os moradores por condição, significa, para a compreensão histórica deste registro, que o sítio deste INRC historicamente abarcou condições para que o Cavalo-Marinho existisse por diversas gerações desde a época da escravidão. A realização deste brinquedo, como as narrativas de seus brincadores contam, acontecia dentro dos engenhos, em horários noturnos, e, sobretudo, reunia os moradores dos mesmos ou das terras vizinhas. Relacionando geografia e a realização do Cavalo-Marinho, este demanda espaços “fixos” e planos para seu desenvolvimento. Não se trata de um cortejo, mas de uma forma de expressão mais próxima a um “teatro”, que encontra suas raízes na vida cotidiana dos engenhos.

Além do critério histórico e cultural utilizado para a divisão do sítio e das localidades, existem características próprias de cada grupo que trazem especificações dignas de valorização e ênfase. Vale ressaltar que cada grupo traz sua especificidade; os brincadores costumam dizer que nenhum Cavalo-Marinho é igual ao outro: nem melhor, nem pior. Existem, todavia, determinadas linhagens, não muito bem definidas por seus atores, que proporcionaram características culturais para os grupos de Cavalo-Marinho e que podemos dividir em 3 (três) localidades.

1.2.3 Sobre os Anexos 1, 2, 3 e 4

Anexo 1 - Bibliografia

Para o Anexo 1 – Bibliografia, fizemos um extenso levantamento de produções acadêmicas atuais e antigas sobre o Cavalo-Marinho. Foram consultados acervos e bibliotecas locais e nacionais. Damos preferência, todavia, aos acervos localizados em Recife. Registramos livros, teses, dissertações, monografias, artigos, comunicações, capítulo de livros e resenhas. A quantidade de trabalhos sobre o brinquedo foi bem maior do que esperado, uma vez que, nos últimos 10 anos, principalmente, 5 anos, a produção e interesse sobre esta expressão cultural cresceu imensamente. Isso tem a ver com a maior visibilidade do Cavalo-Marinho pelo Brasil e também por causa do maior incentivo nacional para pesquisas científicas incluindo a área de humanidades e artes.

Anexo 2 – Registros audiovisuais

Fizemos um levantamento nos principais arquivos da cidade do Recife (PE) e raramente conseguimos encontrar registros fotográficos e/ou sonoros e/ou audiovisuais desta expressão cultural. Sabemos, por pesquisas realizadas neste INRC e outras pessoais dos envolvidos na equipe, que o maior acervo desta natureza sobre a manifestação cultural e seus atores sociais está nas mãos de particulares. Isso dificulta muito o trabalho de registro, uma vez que não podemos acessar para registrar e catalogar livremente estes “acervos”, majoritariamente, desorganizados. Nestes casos, dependemos totalmente da disponibilidade e vontade dos “donos” destes acervos. Acessamos alguns, inclusive, fora de Pernambuco, porém não tivemos retorno. Grande parte do acervo disponível foi listada no Anexo 2 deste INRC. No mais, completamo-lo com o acervo produzido durante este inventário. Vale ressaltar que não foi pouca a produção realizada nesta pesquisa, o que dificultou seu processo de armazenamento e de distribuição para Fundarpe e Iphan. Hoje em dia, o registro digital produz um material bruto de grandes proporções, o que gera arquivos com tamanhos inviáveis para serem copiados e arquivados em mídias como DVDs. Sugerimos mudanças neste processo de produção de acervos audiovisuais e fotográficos.

Anexo 3 - Bens culturais

Com relação aos bens culturais do Cavalo-Marinho, fizemos uma extensa categorização que se propôs a valorizar com profundidade as peculiaridades desta

expressão cultural possuidora de um rico universo cultural cheio de detalhes e complexidades. Alguns parâmetros nos serviram de guia para as definições destas categorias. Primeiramente, nos voltamos para a prática artística e social do Cavalo-Marinho e como esta é incorporada e significada por seus atores sociais. Depois, discutimos estes aspectos-práticas culturais entre todos da equipe que traziam suas experiências de campo. E, terceiro, a argumentação do assistente de pesquisa Fábio Soares completava o conjunto das informações e decisões. O principal desafio foi justamente encontrar o ponto de equilíbrio entre valorizar a expressão cultural com sua complexidade, heterogeneidade e riqueza e, ao mesmo tempo, ser minimamente pragmático para condizer com a realidade cronológica, financeira e estrutural deste INRC. Por fim, a metodologia escolhida neste processo possibilitou-nos um equilíbrio eficaz e com qualidade. Optamos em fazer um vasto levantamento dos bens culturais encontrados na forma de expressão e elaboramos uma quantidade significativa, mas não exagerada, de anexos correspondentes. A escolha se deu, sobretudo, a partir do que observávamos como marcante na maior parte dos brinquedos.

Anexo 4 – Contatos

O preenchimento deste Anexo não apresentou dificuldades nem problemas. Tentamos ampliar ao máximo o campo de contatos, justamente para não cairmos em generalizações ou possíveis discursos homogêneos. No universo do Cavalo-Marinho, nem sempre um Mestre “legítimo” publicamente é um Mestre na prática e reconhecido por todos da comunidade. Mestre Batista, por exemplo, de Chã de Camará, dono do brinquedo que hoje leva seu nome, não é reconhecido pela comunidade local como Mestre. Para eles, o único Mestre é Mariano Telles, atualmente Mestre do brinquedo. Diante destas observações e constatações, fica claro o quanto é necessário buscar ampliar a relação de contatos, para alcançarmos justamente significados, representações e processos intrínsecos ao brinquedo e produzidos por seus atores sociais.

2 IDENTIFICAÇÃO

Para a fase de Identificação, a equipe estudou o questionário proposto no Manual do INRC, porém, preferiu elaborar um questionário próprio para a realização dos campos. Trabalhamos com a divisão por fichas (categorias) a serem preenchidas conforme as localidades preestabelecidas. Novamente utilizamos o mapa-calendário como guia para o trabalho.

Um dos primeiros passos desta fase foi realizar um recorte e propor algumas categorias para serem identificadas com maior profundidade. A metodologia deste recorte se deu a partir do contato preliminar com os atores sociais e do conhecimento prévio do bem. Nosso propósito era aprofundar os bens culturais levantados na fase anterior, trazendo para a identificação detalhes de uma forma de expressão complexa e rica. Por outro lado, ao investir neste propósito, sentimos dificuldades nas fichas do INRC, que buscam abarcar uma generalidade e nem sempre atendiam a demanda das especificidades do Cavalo-Marinho. Acreditamos que o INRC é um excelente instrumento de aplicação, porém, em sua busca pela totalidade e complexidade de informações, acaba tornando a ficha repetitiva e, muitas vezes, alheia às especificidades de cada bem. O Cavalo-Marinho demandava a identificação de bens culturais – formas de expressão (F40) como figuras (personagens), ou Dança dos *Aicos*, mas que não traziam informações suficientes para completar todos os itens que a Ficha F40 solicitava. O mesmo vale para a opção do preenchimento das fichas de Edificação (F30) com as sedes/casas de cada grupo. A intenção era ressaltar a importância destas construções para os grupos, porém, não necessariamente sua arquitetura era o principal, mas sim, a edificação enquanto lugar significativo. Diante disso, não caberiam, para este caso, as informações técnicas solicitadas na F30, que tem como objetivo incluir edificações que possam ser tombadas, e, portanto, traga em si uma importância em seus aspectos materiais. Por fim, mesmo diante destas dificuldades, optamos em identificar uma gama de categorias que constatamos junto de seus atores como importantes. Com esta opção, algumas fichas de Identificação ficaram com escassas informações, porém, com qualidade suficiente para a Identificação.

Posteriormente aos campos de pesquisa, que também seguia um mapa-calendário – Identificação⁴, trabalhamos com uma proposta de correção e supervisão das fichas que iam sendo preenchidas. A logística proposta para este INRC quanto à ação do coordenador + supervisor + pesquisadores e assistentes para a feitura e correção das fichas foi a seguinte:

Fase 1: Pesquisadores e assistentes preenchem fichas e enviam para o supervisor.

Fase 2: Supervisor faz as correções e envia para o coordenador fazer os seus comentários.

Fase 3: Coordenador envia as fichas comentadas para supervisor.

Fase 4: Supervisor envia fichas com comentários (coordenador + supervisor) para pesquisadores e assistentes.

Fase 5: Pesquisadores e assistentes corrigem as fichas e enviam para supervisor.

Fase 6: Supervisor confere as modificações e finaliza ficha.

Etapa 7: Envia para o coordenador fichas finalizadas.

Visualizando estas fases, aparentemente, parece algo complicado, no entanto, esta foi a única forma encontrada para otimizar o trabalho de correção com a participação de todos os envolvidos. Um fato, contudo, poderia interromper e atrapalhar esta dinâmica. O não cumprimento dos prazos. Em alguns momentos, isso prejudicou esta logística.

Cada pesquisador ficou responsável por um lote de fichas que dialogavam com os anexos produzidos no Levantamento Preliminar. Os mesmos também agendavam previamente as entrevistas com os atores sociais, no melhor dia, local e hora para estes, e, ao realizar o trabalho de campo, estavam sempre munidos de gravador de áudio, máquina fotográfica, termo de cessão para ser preenchido e caderno de campo. Normalmente o pesquisador estava acompanhado do assistente, ou do fotógrafo, ou do coordenador. Posteriormente ao campo, as fichas iam sendo produzidas e, algumas vezes, o pesquisador precisava retornar ao campo para completar informações. As dúvidas e problemas iam sendo resolvidos nas reuniões semanais de forma coletiva, ou por decisão da coordenação.

⁴ Ver Anexo C.

3 DOSSIÊ, VÍDEO E RELATÓRIO ANALÍTICO

Durante todo o processo deste INRC, principalmente, nas reuniões e nas anotações de campo, o Dossiê e o Vídeo foram sendo elaborados. As informações contidas no Dossiê foram processadas nos diversos encontros com os atores sociais, em conversas informais, nas observações das brincadeiras, nas leituras bibliográficas, nas pesquisas dos registros dos folcloristas, nas reuniões com a equipe, nos encontros com todos os mestres e nas reuniões junto da equipe da Fundarpe e do Iphan. Previamente esboçamos um sumário dos tópicos a serem abordados e refletimos sobre o formato proposto pelo Iphan. Inicialmente, a proposta era dividir a escrita entre várias pessoas da equipe, porém, o descumprimento de prazos por alguns levou à decisão, por parte da coordenação, de concentrar a escrita. Esta dinâmica possibilitou uma maior homogeneização na produção do Dossiê e no diálogo com a Fundarpe e o Iphan para as modificações pertinentes.

No Dossiê, buscou-se preencher algumas possíveis lacunas das fichas de identificação e do levantamento preliminar, ao mesmo tempo, trazer para uma escrita global diversas informações desenvolvidas, principalmente, nas fichas de Identificação. O objetivo principal foi trazer maiores subsídios sobre o bem cultural imaterial, justificando sua candidatura como Patrimônio Cultural através de uma narrativa histórica, antropológica, etnográfica e etnomusicológica. Os atores sociais e suas vozes foram essenciais para delinear as temáticas abordadas assim como toda a reflexão acadêmica suscitada. Estes tiveram participação fundamental nas diretrizes para a Salvaguarda, as quais foram pautadas nas diversas conversas realizadas com os brincadores e Mestres dos Cavalos-Marinhos.

Quanto ao Vídeo, este foi pensando desde o início do INRC, contudo, a pouca familiaridade do fotógrafo com o Cavalo-Marinho especificamente, resultou-nos em alguns atrasos e trabalhos em vão. Outra problemática foi a quantidade de material bruto produzido, o que dificultou seu armazenamento e, conseqüentemente, ocasionou algumas perdas. Vale uma profunda reflexão de como produzir um acervo de registro com qualidade e com grande quantidade de material, que possa ser arquivado de forma prática e com viabilidade de distribuição para as instituições responsáveis pelo INRC. Atualmente, na era digital, facilmente se produz, com alta resolução, um acervo com cerca de 1t de tamanho. Isso na prática geraria centenas de DVDs.

O roteiro do Vídeo buscou trazer as falas dos atores sociais gravadas durante a aplicação do INRC, principalmente, na parte da Identificação, mesclando-as com as diversas brincadeiras observadas e registradas durante o inventário. Trouxemos para o Vídeo algumas imagens antigas, bem como, a narrativa de um documento histórico de 1871 que retrata a brincadeira do Cavalo-Marinho sendo realizada pelos escravos. Utilizamos o recurso audiovisual da narrativa e de divisões em tópicos (como, por exemplo, dança, saberes e modos de fazer etc.) para tornar o filme didático, claro e bem organizado, visando a boa compreensão dos espectadores. Ao mesmo tempo em que buscamos a institucionalização do Vídeo, não deixamos de trazer a arte com sua beleza e sensibilidade, que são qualidades presentes no Cavalo-Marinho.

Por fim, o Relatório Analítico trouxe um panorama geral dos procedimentos de aplicação do INRC, um resumo de todas as decisões, dificuldades e resultados alcançados durante o desenvolvimento e finalização do trabalho. Obviamente, após o término do inventário, diversas reflexões e conclusões surgem e, a partir destas, uma série de novas propostas para realizar uma aplicação do INRC com maior qualidade e menos erros. Sabemos, todavia, que o grande caminho metodológico de aplicação do INRC se dá, sobretudo, em diálogo com o bem cultural que está sendo inventariado e a partir de suas demandas específicas. O perfil da equipe também delimita os melhores caminhos para se seguir. Em suma, acreditamos que a aplicação deste INRC trouxe-nos muita experiência e sabedoria em relação à utilização deste instrumento, porém, sabemos que cada bem cultural inventariado nos surpreende com novos desafios. Assim, acreditamos que a capacidade de adaptabilidade talvez seja uma das primordiais características para se realizar um INRC.

ANEXO A - DIVISÃO DE LOCALIDADES POR GRUPOS E RESPONSÁVEIS.

Localidade	Município/Distrito	Cavalo-Marinho	Mestre/Responsável
LOCALIDADE 1 Extremo Norte e limitrofes	Camutanga (PE)	Cavalo-Marinho Estrela do Oriente	Mestre Inácio Lucindo
	Pedra de Fogo (PB)	Cavalo-Marinho Boi de Ouro	Mestre Araújo
LOCALIDADE 2 Norte-Centro e Paulista	Condado (PE)	Cavalo-Marinho Estrela de Ouro	Mestre Biu Alexandre
	Condado (PE)	Cavalo-Marinho Estrela Brilhante	Mestre Antônio Telles
	Condado (PE)	Cavalo-Marinho Boi Brasileiro	Luiz Paixão
	Aliança (PE) – Chã de Esconsio	Cavalo-Marinho Boi Pintado	Mestre Grimário
	Aliança (PE) – Chã de Camará	Cavalo-Marinho do Mestre Batista	Mestre Mariano Telles
	Paulista (PE) - Cidade Tabajara	Cavalo-Marinho Boi Matuto	Mestre Salustiano Pedro Salustiano
Araçoiaba (PE)	Cavalo-Marinho Boi Coroado	Mestre Aicão	
LOCALIDADE 3 Sul-Oeste	Glória do Goitá (PE)	Cavalo-Marinho Tira- Teima	Mestre Zé de Bibi
	Lagoa de Itaenga (PE)	Cavalo-Marinho Boi Teimoso	Mestre Borges Lucas
	Feira Nova (PE)	Cavalo-Marinho Boi Ventania	Mestre Pisica

ANEXO B - EXEMPLO (OFÍCIOS E MODOS DE FAZER) DO MAPA-CALENDÁRIO DO ANEXO 3 – LEVANTAMENTO PRELIMINAR

Bem Cultural	Ocorrência nos Cavalos-Marinhos	Local	Contatos	Pesquisador	Assistentes
Rabeca	Todos	Todos	Luthiers	Maria Cristina	Sanae
Bombo	Cavalos-Marinhos da Localidade 3	Localidade 3	Mestres	Maria Cristina	Sanae
Bage	Todos	Todos	Seu Martelo, outros	Rosely	Paulo
Máscara	Todos	Todos	Mestres	Lineu	Fabinho
Bexiga	Cavalos-Marinhos das localidades 1 e 2	Localidades 1 e 2	Seu Martelo	Lineu	Fabinho
Roupas/Indumentária	Todos	Todos	Mestres/brincadores	Helena	Fabinho
Artefatos	Todos	Todos	Mestres/brincadores	Helena	Fabinho

ANEXO C - EXEMPLO (OFÍCIOS E MODOS DE FAZER) DO MAPA-CALENDÁRIO IDENTIFICAÇÃO

Bem Cultural	Ficha	Localidade	Responsável
Rebeca	F60	Localidade 1	Cristina
		Localidade 2	
		Localidade 3	
Bombo	F60	Localidade 3	Sanae
Baje	F60	Localidade 1	Paulo
		Localidade 2	
Máscara	F60	Localidade 1	Rosely
		Localidade 2	Lineu
		Localidade 3	Cristina
Bexiga	F60	Localidade 1	Lineu
		Localidade 2	
Roupas e Indumentárias	F60	Localidade 1	Rosely
		Localidade 2	Helena
		Localidade 3	Cristina
Artefatos	F60	Localidade 1	Rosely
		Localidade 2	Paulo
		Localidade 3	Sanae
Bichos ou Bicharia	F60	Localidade 1	Rosely
		Localidade 2	Lineu
		Localidade 3	Cristina



Realização

Respeita Janeiro



Secretaria de Cultura



PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO

Apoio



Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA